



CORPOS INVISIBILIZADOS? GÊNERO E DEFICIÊNCIA - REFLEXÕES A PARTIR DO FILME *37 SEGUNDOS*

Maria Eugenia F. P. Durieux (Instituto Federal Catarinense)

Lenize Silva Arrojo (Instituto Federal Catarinense)

Luciana Carlo Geroleti (Instituto Federal Catarinense)

maria.durieux2@gmail.com

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo a investigação das interseções entre deficiência e gênero, focando nas experiências das mulheres com deficiência, a partir do mapeamento e análise de produções audiovisuais, que tenham em seu escopo esta temática. Para a análise inicial foi selecionado o filme '37 segundos' e utilizamos uma metodologia qualitativa, baseada na Análise de Conteúdo, empregando a interseccionalidade como ferramenta teórica-metodológica. A partir do eixo que conecta gênero e deficiência, estabelecemos as categorias de análise: Capacitismo e Superproteção, Desejo e Sexualidade, Mercado de Trabalho, e Autonomia e Autodescoberta. Cada categoria foi analisada em conjunto com a literatura existente relacionada aos temas abordados no filme.

Palavras-chave: Deficiência; Gênero; Interseccionalidade; Audiovisual

Introdução

Ao revisitar a história das pessoas com deficiência, e entendendo esta como um processo não linear, mas uma construção permanente de produção de modos de existência, nos deparamos com trajetórias de invisibilização. Que perpassam desde quando as pessoas com deficiência não tinham sequer direito à vida, posteriormente sendo expostas a muitas formas de rejeição e exclusão, passando por estereótipos que colocam a deficiência como algo trágico ou benevolente como representação de uma tragédia pessoal, ou ao contrário, como mito da superação e do heroísmo. Ainda a deficiência ao longo dos anos narrada a partir e de forma exclusiva pelo campo dos cuidados/saberes médicos e reabilitativos, na busca por um padrão de "normalidade" e "funcionalidade".



O reconhecimento das pessoas com deficiência como sujeitos de direito, em todas suas dimensões, nas diferentes características e experiências que os transversalizam, acontece a partir da perspectiva do modelo social da deficiência, que é uma abordagem que considera a deficiência como um fenômeno social, como aborda Gesser (2013), deficiência como uma experiência que é constituída na interação das características do corpo com um contexto social, que é opressivo por não conseguir acolher e abarcar a diversidade humana.

Isto posto, resgatamos que as estruturas sociais sempre foram marcadas por desigualdades de gênero, e aqui entendemos gênero como categoria analítica e relacional que está imbricada nas relações de poder, sociais e políticas. Estruturas patriarcais que colocaram mulheres em condição de subalternidade e desvantagem, nos mais diferentes contextos, sejam eles na esfera pública ou privada. Embora avanços tenham sido conquistados, ainda há desafios a serem enfrentados, especialmente ao analisarmos a interseccionalidade entre gênero e deficiência.

Nesse contexto, este artigo origina-se a partir das discussões acerca das intersecções entre deficiência e gênero, através do mapeamento e análise de produções audiovisuais, que tem em seu escopo a temática gênero e deficiência. Tendo a interseccionalidade como ferramenta teórica-metodológica para os desdobramentos analíticos. Segundo Kimberlé Crenshaw (2002, citada por Karla Akotirene 2022, p.19), “a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias”.

Desenvolvimento

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (ONU, 2020), cerca de 10% da população mundial vive com alguma forma de deficiência, sendo a prevalência maior entre mulheres do que entre homens. No Brasil, segundo dados do módulo Pessoas com deficiência, da Pnad Contínua 2022, a população com deficiência é estimada em 18,6 milhões, o que corresponde a 8,9% da população na faixa etária acima de 2 anos, com percentual das pessoas com deficiência do gênero feminino em 10,0% e do masculino 7,7%. Esses dados são importantes para pensarmos as interligações que perpassam o viver e ser mulher com deficiência em nossa sociedade.



Produções acadêmicas no campo dos estudos da deficiência apontam como as intersecções entre gênero e deficiência ampliam as vulnerabilidades e opressões vivenciadas por pessoas com deficiência. As mulheres com deficiência enfrentam uma série de barreiras em seu cotidiano, que vão além das barreiras físicas, o que as torna um grupo duplamente vulnerável. Conforme Oliver e Barnes (2012), a sociedade cria barreiras que impedem a participação das pessoas com deficiência em diferentes esferas da vida privada e pública, e moldam assim suas identidades e experiências.

O capacitismo, é entendido como a discriminação e o preconceito contra pessoas com deficiência, é um fator que potencializa a marginalização das mulheres com deficiência. Para Sasaki (2014, p. 10), “O capacitismo está focalizado nas supostas ‘capacidades das pessoas sem deficiência’ como referência para mostrar as supostas ‘limitações das pessoas com deficiência’”.

A interseccionalidade entre gênero e deficiência se manifesta em diversas esferas da vida, como no acesso a serviços de saúde, oportunidades de emprego e direitos sociais. A falta de conscientização sobre os direitos dessas mulheres contribui para sua exclusão e marginalização.

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (Bilge, 2009, p. 70).

Como afirmam Tate e Weston (2013), “as mulheres com deficiência sofrem discriminação em diferentes culturas e sociedades” e essa afirmação ressalta que a opressão não é uniforme; ela se manifesta de maneiras distintas dependendo do contexto cultural e social. A exclusão social e a falta de representatividade são obstáculos que dificultam a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. No entanto, quando se faz o recorte de gênero, essas barreiras se ampliam ainda mais.

Para aprofundar a análise sobre a interseccionalidade entre deficiência e gênero, foi selecionado o filme *37 Segundos* (Japão, 2019), dirigido por Hikari. A obra acompanha a trajetória de Yuma, uma jovem japonesa com paralisia cerebral, e



desafia estereótipos ao enfatizar sua autonomia e desejos, rompendo com a visão da mulher com deficiência como passiva ou assexual. A narrativa evidencia as múltiplas barreiras enfrentadas por essa mulher, incluindo superproteção familiar, discriminação no mercado de trabalho e desafios na vivência da sexualidade.

Para a análise, adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada na Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2011), que permite explorar aspectos simbólicos e sociais da obra. Como ferramenta teórico-metodológica, utilizamos a interseccionalidade para compreender como os eixos de gênero e deficiência se entrelaçam nas experiências retratadas no filme.

A partir desse eixo central, estabelecemos cinco categorias de análise: Deficiência e Gênero, Capacitismo e Superproteção, Desejo e Sexualidade, Mercado de Trabalho, e Autonomia e Autodescoberta. Cada uma dessas categorias foi examinada em conjunto com a literatura existente, contribuindo para um olhar crítico sobre a representação das mulheres com deficiência no audiovisual.

A seguir, discutiremos como essas temáticas são abordadas no filme e suas implicações para o entendimento da interseccionalidade entre gênero e deficiência.

Deficiência e Gênero

A personagem principal, Yuma, uma jovem de 23 anos com paralisia cerebral, proporciona uma análise rica sobre a interseção entre deficiência e gênero. Sua condição a coloca em um lugar distinto das demais mulheres de sua idade, e a necessidade de usar cadeira de rodas reforça sua invisibilidade social devido ao preconceito estrutural.

Desde a cena de abertura, quando Yuma se maquia, delineando os olhos e passando batom, o filme desafia normas de beleza e feminilidade. Esse ato aparentemente simples subverte a visão limitada da sociedade sobre as mulheres com deficiência, afirmando sua identidade e autonomia.

A superproteção materna é outro aspecto central. A mãe escolhe suas roupas sem consultá-la, optando por vestimentas neutras e sem apelo estético, reforçando a tentativa de dessexualizá-la e infantilizá-la. Essa dinâmica reflete um padrão mais amplo de tratamento que nega às mulheres com deficiência a liberdade de expressão e decisão sobre seus próprios corpos.

Nuernberg e Mello (2012) ressaltam que os significados de gênero e



deficiência são construídos socialmente e resultam de disputas de poder. O filme evidencia essa questão ao confrontar estereótipos que limitam a experiência dessas mulheres e as posicionam como sujeitos passivos.

Capacitismo e Superproteção

O capacitismo, definido como a discriminação e o preconceito com relação as pessoas com deficiência, manifesta-se de diversas maneiras no cotidiano, refletindo a desvalorização da autonomia e das capacidades individuais. Segundo Lage, Lunardelli e Kawakami (2023),

O capacitismo é expresso por meio de atitudes intencionais ou não, internalizadas pela sociedade. Muitas vezes insultuosas, quer seja de forma direta, como a utilização de termos pejorativos, olhares ofensivos, afastamento corporal; quer seja de forma velada, disfarçada de comportamentos protetores, piedosos, bem como a formulação de exaltações à capacidade de superação ou algo similar, a cultura capacitista se faz presente.

O filme nos auxilia a observar um exemplo de superproteção quando a mãe de Yuma a aguarda todos os dias para ajudá-la a se vestir, impedindo que a filha faça suas escolhas. E ainda em outra cena em que ambas compartilham a banheira e a mãe de Yuma realiza sua higiene, evidenciando a dificuldade em permitir que a filha tenha um espaço para sua própria privacidade e autonomia.

Gesser, Costa, Luiz e Silveira (2023, p. 3) afirmam que "romper com o capacitismo é condição fundamental para a reinvenção da cidade, das relações com os corpos que lá habitam". Neste sentido, as autoras sugerem que o capacitismo não se restringe ao ambiente familiar, mas está inserido em um contexto social mais amplo, que perpetua barreiras para a autonomia das pessoas com deficiência.

Assim, o exemplo da relação entre mãe e filha serve como uma representação das barreiras mais amplas que precisam ser enfrentadas, sendo o capacitismo uma maneira de hierarquizar modos de ser e estar nesse mundo, como define Campbell (2001), essa rede de crenças, onde pessoas com deficiência são consideradas um estado diminuído do ser humano.

Sexualidade e Desejo

A representação da sexualidade das mulheres com deficiência é um tema frequentemente negligenciado em nossa sociedade. Nesse contexto, a jornada de



Yuma oferece elementos para essa reflexão, iniciando um processo de autoconhecimento e exploração de sua sexualidade, ao tocar-se e descobrir seus próprios pontos de desejo. Essa busca é um passo importante na afirmação de sua identidade como mulher, contribuindo para a quebra de estigmas que cercam a sexualidade das pessoas com deficiência.

Deste modo, algumas cenas destacam a busca de Yuma pela liberdade e afirmação de sua sexualidade. Ao trocar de roupa, usar vestidos, maquiagem e mudar o penteado, ela passa por uma transformação que não se limita ao estético, mas também possui um forte significado simbólico, representando sua conexão com o desejo e o autoconhecimento.

Essa jornada inclui diferentes experiências, desde encontros com garotos da sua idade até a decisão de explorar sua sexualidade por meio de um profissional do sexo. Durante esse processo, ela enfrenta expectativas e vulnerabilidades impostas pela sociedade, que muitas vezes marginaliza a vivência sexual das pessoas com deficiência.

Em um momento marcante, Yuma afirma que, apesar de sua deficiência, é igual a qualquer outra mulher. Esse posicionamento desafia preconceitos e evidencia o estranhamento que muitos sem deficiência demonstram ao se deparar com um corpo que foge dos padrões convencionais. Seu corpo, muitas vezes visto como um “objeto de curiosidade”, também desperta medos e inseguranças relacionadas a possíveis intercorrências de saúde. Essas respostas revelam a desumanização que muitas mulheres com deficiência enfrentam em situações íntimas, expondo a necessidade de um olhar mais inclusivo e respeitoso sobre sua sexualidade.

Mercado de Trabalho

A categoria do mercado de trabalho é explorada de maneira a revelar as complexas relações de poder. Yuma tem uma profissão, desenha mangás, porém, a relação estabelecida é de dominação e opressão velada, onde uma mulher jovem que possui características físicas consideradas “normais” pela sociedade, aproveita-se das habilidades artísticas, ocultando sua contribuição e apresentando-a como assistente e ainda lhe ofertando pagamentos irrisórios. Situação que reforça a assimetria de poder entre pessoas sem e com deficiência, refletindo uma



manifestação prática também do capacitismo, que se reflete desde interações diárias como no mercado de trabalho.

Adicionalmente, ao lidar com compradores e divulgadores de seus desenhos, enfrenta o rótulo de "assistente com deficiência", a proposta de gerar maior engajamento em seu trabalho retratando uma narrativa de pena e caridade com relação a ser uma pessoa com deficiência. Segundo Lima e Silva (2023) "As mulheres com deficiência, no que se refere à efetivação da sua inclusão social, ultrapassam o que é disposto nas leis. [...] O status de mulheres com deficiência ressalta o seu duplo silêncio e opressão".

Autonomia e Autodescoberta

A busca de Yuma pela autonomia e autodescoberta é central à sua narrativa, e se torna um tema vital à medida que a protagonista começa a explorar sua identidade feminina. Ao tomar banho e se vestir sozinha, sair sozinha, conhecer novos lugares, estabelecer outras interações sociais, vivenciar sua sexualidade, a ajudam a se sentir mais livre e capaz, momentos de exercício da autonomia corroboram para a construção de sua identidade, permitindo que ela se veja para além da deficiência, mas sim como uma mulher plena de desejos e potencialidades.

Conforme Diniz (2007), a autonomia das mulheres com deficiência é frequentemente cerceada por um sistema que não reconhece suas capacidades, reforçando a velha ideia de que elas são dependentes e incapazes de tomar decisões sobre suas próprias vidas. O corpo, muitas vezes visto como "preso" na cadeira de rodas, reflete não apenas amarras físicas, mas também emocionais e relacionais. Destaca-se assim, que a jornada de Yuma não é apenas uma luta pessoal, mas um poderoso chamado para a sociedade respeitar e valorizar a autonomia das mulheres com deficiência, que desafia estigmas e promove a inclusão.

Considerações Finais

Consideramos que em alinhamento ao objetivo de investigação das interseções entre deficiência e gênero, as produções audiovisuais tem se mostrado como ferramentas interessantes para nos auxiliar a captar como este grupo tem sido representado nas narrativas sociais e ainda apontam que as estas produções podem



funcionar como espaço de crítica, ressignificação de concepções e possibilidades narrativas outras.

O longa-metragem analisado, se revelou como uma obra que aborda de forma sensível e contundente a interseção entre deficiência e gênero. A trajetória de Yuma é mais do que uma história individual, é uma narrativa que ousa afirmar a existência e resistência de mulheres com deficiência, em uma sociedade que nega seus direitos à sexualidade, ao desejo, ao cuidado de forma ética e à autonomia. As barreiras impostas pelo capacitismo, que se manifestam nas inúmeras formas de opressão, sejam elas enfrentadas no ambiente familiar, no mercado de trabalho, nas relações interpessoais.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BILGE, Sirma. (2009), "**Théorisations féministes de l'intersectionnalité**". *Diogène*, 1 (225): 70-88.

CAMPBELL, Fiona Kumari. "**InciPng Legal FicPons: Disability's Date with Ontology and the Ableist Body of the Law.**" *Griffith Law Review*, London, v. 10, n.1, p. 42-62, 2001.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

IBGE | Biblioteca | Detalhes | **Pessoas com deficiência : 2022** / IBGE, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102013>>.

NUEMBERG, Adriano Henrique. MELLO, Anahi Guedes de. **Gênero e deficiência: interseções e perspectivas**. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, n. 3, p. 635-655, 2012. Acesso em 18 dez. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rDWXgMRzzPFVTtQDLxr7Q4H/>

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Capacitismo, incapacitismo e deficientismo na contramão da inclusão**. *Reação: Revista Nacional de Reabilitação*, São Paulo, v. 96, n. 7, p. 10-12, jan./fev. 2014. Disponível em: <https://revistareacao.com.br/wp-content/uploads/2018/05/ED96.pdf> Acesso em: 16 dez. 2024.

TATE, S. A.; WESTON, M. **Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a saúde e os direitos humanos**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 2, p. 469-478, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/x4Ct7sJ4krY7wzGH5XX57nR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 dez.2024.